

POEMA DE UMA ALMA

Numa região alcatifada de luminosas neblinas, o Anjo da Redenção recebia as almas que regressavam da Terra, mostrando-lhes nos firmamentos constelados os sóis que enchiam de melodia e luminosidade o abismo do Universo.

Um dos egressos do mundo terreno aproximou-se-lhe, exclamando em soluços:

— Anjo Salvador, venho da Terra como um naufrago desvalido!... Ouro e honrarias não me deram a paz ambicionada! Estou só com a minha consciência dilacerada; que fazer, ó mensageiro da redenção, para alcançar aqueles páramos radiosos de ventura que nos aponta a tua mão resplandecente?...

— Filho — replicou-lhe com bondade — a solidão em que te achas foi criada pelo teu egoísmo... aquelas mansões de alegria, onde entrevês a felicidade intraduzível, são conquistadas com o que se faz em bem dos outros...

Escuta-me! a terra ainda é a região dos resgates penosos; milhões de seres lá sofrem e choram, lutam e desfalecem. Volta a êsse mundo e prende-te às suas leis. Come do seu pão e sofre-lhe as iniquidades! Labora na grande oficina da abnegação e do sacrifício.

Lá encontrarás ciladas tentadoras, mas estarás em temporário olvido para que se valorize o teu esforço.

Não te esqueças de amar aos teus semelhantes com o esquecimento dos teus próprios interesses, e quando alcançares o absoluto desprendimento da matéria, terás o poder de criar as tuas próprias asas!... Conhecerás então as belezas universais e conhecerás as flôres sublimes dos páramos siderais quando se sabe plantar as sementes da renúncia no solo ingrato da Terra!...

A Alma então animada, resoluta, atirou-se ao círculo das reencarnações benfazejas.

Inúmeras vezes fracassou no caminho fácil das tentações. O Demônio da Sexualidade, a Ambição do Ouro, o Egoísmo da Posse, a Inquietação da Fama prenderam-na por muitos séculos de dor e de tormento.

Ia somente aos palácios da Morte para se banhar no pranto dos arrependimentos salvadores, retornando à luta com o firme propósito da vitória; até que um dia escolheu

um ambiente de lágrimas dolorosas para os seus combates. Sua infância foi uma longa tortura e toda a sua vida um rosário de aflições e de angústias; viu o escárnio em lábios que estremecia, feriu-se nos espinhos da ingratidão e chorou na confiança traída.

Tudo, porém, suportou com serenidade espartana e com paciência evangélica. Sorriu aos trabalhos e dificuldades da sua existência, sacrificando-se penosamente!...

Todavia, uma hora chegou em que as privações lhe trouxeram o alvará da liberdade.

Adormeceu tranqüilamente nos braços misericordiosos da Morte e livre da reencarnação e da miséria despertou no santuário esplendoroso da Redenção onde um anjo divino lhe descerrou as portas da Imensidade; então a Alma liberta, entre lágrimas de reconhecimento e de júbilo, alou-se ao Infinito, em cujos jardins deslumbrantes foi colher a flor da sempiterna ventura.

Marta

(Recebida em Pedro Leopoldo a 6 de dezembro de 1934)

DOIS SONETOS DE HERMES FONTES

DESCONFÔRTO

*Não me bastou, Senhor, velar atento
A misteriosa luz com que, à procura
De um luminoso céu em miniatura,
Vivi sonhando em meu deslumbramento!*

*Dentro do meu ideal supus, que, isento
De toda a dor, de toda a mágoa obscura,
Alcançasse o castelo da Ventura
Na glorificação do Pensamento.*

*Mas, ai de mim! meu barco pequenino
Perdeu-se em meio à tórva tempestade
Sem divisar a luz de qualquer porto;*